

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O FANTÁSTICO E O RIO: CAUSOS E APARÊNCIAS EM ARARANGUÁ, SANTA CATARINA, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Jonatã Vieira Clemes

UFSC (Doutorando)

E-mail: jonatavclemes@hotmail.com

**RESUMO:** A primeira metade do século XX no que concerne as representações e depoimentos construídos sobre o rio Araranguá (SC) apresenta uma profícua possibilidade de análise. Constantemente, aludido por sua fartura e beleza, as margens do rio Araranguá também denotam para uma série de acontecimentos fantásticos. Dentre eles, destaca-se como tema deste estudo, a misteriosa figura do pássaro que ao bater suas asas emana bolas de fogo, o Caracaxá. Propõe-se refletir sobre as especificidades mantidas entre a população ribeirinha situada no município de Araranguá com o rio, através de sua dimensão fantástica, no contexto do “boom” econômico gerado pela produção carbonífera na década de 1940 no extremo sul catarinense. Articulado as percepções dos impactos ambientais gerados pelo despejo dos dejetos poluentes de carvão sobre o rio Araranguá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio Araranguá, Causos e Aparências, Produção Carbonífera.

### “Eles dizem que é história de pescador. Pescador não mente, não!”

Localizado no extremo sul catarinense, o rio Araranguá<sup>1</sup>, demonstrou-se um ator fundamental para a ocupação de diversas populações que transitaram ou fixaram-se no litoral do município de Araranguá, entre os séculos XV-XX. Dentre eles, destaca-se a presença de guaranis, jês, portugueses, espanhóis, africanos (livres e escravizados) e imigrantes italianos e alemães. Problematizar os contatos, trocas e disputas, que ocorreram sob suas margens, possibilita compreender uma complexa rede de interações sob diferentes estratos. Destaca-se neste estudo os de ordem social, cultural e ambiental.

---

<sup>1</sup> O Rio Araranguá possui como principais afluentes o Rio Mãe Luzia e o Rio Itoupava. Sua Bacia Hidrográfica, em conjunto com as bacias do Rio Mampituba e do Rio Urussanga, formam as bacias do Extremo Sul Catarinense. Está localizado entre as latitudes de 28° 40' e as longitudes de 49° 20'W a 50° 00' W.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Propõe-se a análise das fontes aqui debatidas sob o prisma metodológico da História Ambiental. Para isto, elenca-se a contribuição do historiador Donald Worster, em estudo clássico sobre o tema. O autor salienta o uso de três eixos centrais que podem auxiliar o pesquisador na delimitação de abordagens temáticas. Primeiro, na compreensão da natureza e seus ecossistemas, ciclos e movimentos, sem ou pouca, intervenção humana. Segundo, problematizar as diferentes formas de interação e intervenção humana sobre a natureza, e os impactos causados por distintos modelos de organização social. E, terceiro, dimensionar as percepções, valores e significados, socialmente construídos, produzidos sobre a natureza em esfera intelectual por diferentes populações (WORSTER, 1991, p. 199).

Sobre estes aspectos, as primeiras décadas do século XX apresenta uma particular especificidade, no que tange, a análise da interação construída entre as populações ribeirinhas da localidade de Ilhas e o rio Araranguá. Não apenas a beleza<sup>2</sup> e fartura<sup>3</sup> é salientada nos relatos construídos sobre o rio. As águas que provém o trabalho e sobrevivência das populações elencadas, também possui os seus mistérios. Repleto de acontecimentos fantásticos, beirando o irreal, as margens do rio Araranguá, é marcada por figuras como o Caracaxá, a Mãe do Ouro, entre muitos outros casos que compõe o imaginário local.

Por vezes, referenciado, ora como uma luz, ora como um pássaro que ao bater suas asas emana fogo contra os pescadores e a quem mais frequentasse as margens do rio Araranguá. A figura fantástica do Caracaxá possui o maior número de menções nos relatos construídos pelos moradores da localidade de Ilhas. Em linhas gerais, o Caracaxá ataca com fogo quando provocado. Conforme representado na obra da historiadora Micheline Rocha, *Do Pino Do Meio Dia à Meia Noite Velha*.

Quando criança, naquele tempo, aqui na Ilha aparecia o Caracaxá, que era uma luz que se acendia em cima do Morro dos Conventos (Isto em lugar de cemitérios indígenas, e restos de corpos de combatentes em guerras). Quando se chamava por algum nome, por exemplo, “desgraçado”, ele aparecia. Uma vez a gente tava numa canoa e vimos o Caracaxá vindo pra cima da gente, nós nos jogamos no mar e a canoa virou, largamos a canoa e corremos todos embora. Aquela bola de fogo caiu no mar e nós vimos bem na nossa frente, ela fervilhava na água e chiava jogando água pra cima. (ROCHA, 2007, p. 23).

---

<sup>2</sup> O rio Araranguá é conhecido pela troca de cores, oscilando entre um tom azul e esverdeado. Por vezes, apelidado carinhosamente pela população como o Nilo araranguense.

<sup>3</sup> Composta por espécies de peixes como: tainha, robalo, bagre, savelha, linguado, papa-terra entre outros. Nos relatos e depoimentos pesquisados, comumente, a quantidade de pescados enchia as canoas chegando facilmente a 100, 200, 300 kg. No entanto, no período estudado, o problema não era a quantidade de peixes, mas sim, escoar a produção a um preço rentável.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A escolha metodológica elencada por Rocha se deu por entrevistar diferentes pessoas, e com base nos relatos obtidos, elaborar uma narrativa expositiva dos seres fantásticos referenciados pela população araranguaense. Na obra, não se tem acesso aos moradores e a quantidade de entrevistados, tampouco a idade e a atividade profissional desempenhada, por estes, no decorrer da vida.

O sociólogo e historiador oral britânico, Paul Thompson, na obra, *A Voz Do Passado*, destaca o uso da História Oral como meio de inserir nos debates históricos a participação de sujeitos invisibilizados. Até então, sem espaço de representação nos meios oficiais. Principalmente, a classe operária e grupos marginalizados, como: indígenas, afrodescendentes, ciganos entre outros. Nesse sentido, o autor destaca diferentes categorias de construção dos relatos orais e argumenta sobre como estes podem vir a ser utilizados na pesquisa histórica. Uma delas, seria a análise cruzada. Em que, “a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir do qual se organiza um texto expositivo” (THOMPSON, 1998, p. 304). Neste sentido, pode-se enquadrar a obra *Do Pino Do Meio Dia à Meia Noite Velha*, a modalidade de análise cruzada salientada por Thompson.

A obra *Histórias do Grande Araranguá*, publicada pelo Pe. João Leonir Dall’Alba no ano de 1997. É composta por uma série de entrevistas coletadas na década de 1980, com os moradores mais antigos do município de Araranguá. Temas concernentes a vida cotidiana na primeira metade do século XX efluem, entre eles, a abundância de peixes presente no rio Araranguá e os seus seres fantásticos. Curiosamente, não temos acesso as perguntas efetuadas por Dall’Alba. No decorrer da análise das entrevistas percebe-se que o autor elaborou diferentes abordagens, tocando em diferentes temas, de acordo com a atividade profissional, gênero e local de moradia (meio urbano ou rural) de cada entrevistado. Seguindo a fundamentação de Paul Thompson, pode-se enquadrar a obra de Dall’Alba na categoria de coletânea de narrativas (THOMPSON, 1998, p. 303). Destaca-se, no relato de Valvi Vieira (coletado na obra de Dall’Alba), a aproximação entre o Caracaxá e um conhecido personagem do folclore brasileiro, o Boitatá.

Eu vi também o boitatá. Estava pescando em frente ao Iate Clube. Meia-noite velha. Aí uma bola de fogo parou em cima do farol. Aquele fogo vinha. Era assim do tipo de uma lâmpada. E veio, e veio, e veio... direito a mim. E ela andou, andou, em cima de mim. De certo era a Mãe-do-Ouro. Andou ao redor da minha canoa. E fazia meia lua e vinha, sempre em cima de minha canoa. E eu olhando. Medo não tinha mesmo. Era

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma bola de fogo, do tamanho de uma copa de chapéu bem grande. A noite brusca era igual o breu, e aquilo clareava igual ao dia (DALL'ALBA, 1997, p. 243-244).

Enfatizando a sua bravura, ao lidar com uma figura imprecisa, aparentemente, não havia certeza sobre o que pairou sobre a canoa de Valvi Vieira, se foi um Boitatá ou a Mãe do Ouro. O relato do pescador revela algumas ressignificações de conhecidos seres fantásticos do folclore brasileiro. De acordo com o historiador, Gabriel Cruz de Souza, o “ente antigo das matas conhecido pelos Guarani como Mboy-tatá pela forma espiralada e para o português como boi de fogo. Especificamente no caso de Hercílio Luz (distrito do município de Araranguá onde reside a localidade de Ilhas) a aparição do Mboy-tatá ficou popularmente conhecido como Caracaxá” (DE SOUZA, 2009, p. 37-38). No entanto, cabe destacar, que apesar das apropriações/ressignificações delineadas no extremo sul catarinense em sua dimensão fantástica, houveram registros nas fontes analisadas de diversas menções ao Boitatá.

Entre as décadas de 1940 e 1950, o número de menções as aparições do Caracaxá sofre uma mudança. Há os que afirmam terem crescido com as histórias destes seres fantásticos, contadas sobretudo pelos avós e pais, embora, diferentemente de seus familiares, afirmam nunca terem experienciado algo de sobrenatural. O senhor Palmede Antônio Pedroso, morador da localidade de Ilhas, além de pescador, por vezes, atuante na Colônia de Pescadores em Araranguá. Afirma que nunca viu o Caracaxá, mas pondera: “eles dizem que é história de pescador. Pescador não mente, não!” (PEDROSO, 2015, [n.p.]). O único acontecimento fora do comum vivido pelo entrevistado foi o de uma “luzinha” que o seguiu numa noite escura quando estava indo buscar remédios para sua mãe. Sobre o Caracaxá, ele relata:

E o Caracaxá, que eles diziam, ele pousava, meu avô vinha, ele tava pousadinho aquela luzinha na proa da canoa. Aí, meu pai dizia assim, ó: “olha lá, pai. Lá está ele pousado na proa da canoa”. Aí, ele (avô do senhor Palmede) dizia assim: “ele tem que sair de lá porque aquilo ali não é dele. A canoa é minha”. Ele não tinha medo! Aí, ele fazia aquelas orações lá e, chegava o pai, disse que ele batia as mãos na canoa, aquilo saía. Chegava lá em cima aquela luzinha, se separava em dois, e a tocha (de fogo) ficava grande e batia um no outro, batia um no outro que saía faisquedo. Assustar a gente assustava, né! (PEDROSO, 2015, [n.p.]).

Outro morador da localidade de Ilhas, que assim como o senhor Palmede, desempenhou a atividade da pesca na vida adulta e teve a infância na década de 1940. O senhor Ernesto José Julio, sobre o Caracaxá, destaca:

O meu sogro é que contava pra mim. Do tempo dele, tinha o tal de Caracaxá. Ele dizia que era tipo um passarinho. Que voa batendo tudo, soltando faisquinha. Ele dizia, que tinha dois (pescadores) pescando no Morro dos Conventos. [...] Depois foram tomar café, (fizeram) fogo bem aceso. E aí, dizem que apareceu um bicho daquele. Quando

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

apareceu, os dois inticaram: “ei, vem aqui perante o fogo vem!”. Daqui a pouco, ele veio soltando (faísca) lá em cima deles, assim, naquela altura ali, [...] depois ele veio e deu um estouro lá em cima paaaauuuu! Incendiou fogo por tudo! Eles aqui, ó (fugiram). Ele voou de novo, e o Caracaxá saiu. [...] Tinham (medo)! Era uma coisa que ninguém sabia o que era, né (JULIO, 2015, [n.p.]).

Em alguns relatos, como no do seu Ernesto, o Caracaxá é representado como um passarinho que ao bater suas asas emana fogo. O ponto máximo é quando o ser fantástico aproxima-se dos que o chamam/incomodam e lança rajadas ocasionando o estouro de fogo. Quando questionado sobre se viu algum ser fantástico que compõe o imaginário local araranguense, ele responde: “hoje não aparece mais nada, eu acho que as aparências ficaram com medo do povo! Como é que aparecia, né? Essas coisas, né? E era, quem olhava dizia que era normal” (JULIO, 2015, [n.p.]).

Os relatos de Palmede Antônio Pedroso e Ernesto José Julio, podem ser enquadrados na última categoria (do total de três) elencada por Paul Thompson acerca da utilização da evidência oral como fonte histórica, que seria, a narrativa de uma vida (THOMPSON, 1998, p. 303).

De maneira geral, acerca das aparições dos seres fantásticos, em especial o Caracaxá, sob as margens do rio Araranguá, pode se concluir, que nas primeiras décadas do século XX havia um maior número de pessoas que afirmavam terem experienciado algum episódio com os seres fantásticos, seja: o Caracaxá, Bruxa, a Mãe do Ouro e Lobisomem. A partir das décadas de 1940 e 1950, as referências mencionam a aparição de uma pequena luz que perseguia moradores, não apenas nas atividades de pesca. Na segunda metade do século XX em diante, essas histórias possuem mais uma função de entretenimento e de expressar uma particularidade do local de estudo, não sendo levadas a sério pelos pescadores mais jovens. Embora indiquem com respeito, os moradores mais antigos que afirmam terem visto os seres fantásticos. Importante ressaltar que a partir da década de 1940, a região sul catarinense passa por uma série de transformações nas relações econômicas causando alto impacto social e ambiental.

Percebe-se algumas diferenciações e aproximações nos relatos evidenciados. Ora representado como o boitatá, ou uma luz que paira na proa das canoas a até um passarinho que emana fogo ao bater suas asas. O clímax de todas elas, reside no estouro de fogo. Este elemento de uso cotidiano, seja na cozinha com o preparo de alimentos ou na iluminação pública (no período estudado ainda não se utilizava a energia elétrica) é dotado de ambivalência. De acordo com o historiador Keith Thomas, na obra *A Religião e o Declínio da Magia*, ao analisar a diminuição de uma interpretação mística de vida relacionada a ascensão do método científico

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mecanicista, ao crescimento urbano e a uma ideologia de autoajuda durante os séculos XVI e XVII, na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart. O autor ressalta, que nenhum outro elemento revela as incertezas humanas quanto o fogo. Ao mesmo tempo em que auxilia as sociedades humanas em atividades de sobrevivência essenciais (seja na alimentação, proteção contra o frio, iluminação) também os ameaça com perigosos incêndios e demais acidentes quando não utilizado com cautela. Logo, “o fogo era de extrema importância econômica. Mas as suas consequências humanas são ainda mais evidentes, pois nenhuma outra ocorrência simbolizava com maior vividez a instabilidade dos destinos humanos” (THOMAS, 1991, p. 28).

Especificamente no extremo sul catarinense o fogo em sua dimensão fantástica além das questões destacadas, simbolizava a resolução de todos os infortúnios humanos. Vale aqui, a máxima destacada por Luís da Câmara Cascudo na obra *Geografia dos Mitos Brasileiros*, ao citar a expressão “*Ubi Est Ignis Est Aurum*” (Onde há fogo, há ouro) (CASCUDO, 2002, p. 311), ao discorrer sobre a Mãe do Ouro. Sobre esse ser fantástico que protegia fortunas de ouro escondidos em locais de difícil acesso, o senhor Palmede, destaca:

O meu sogro tinha um engenho de farinha (de mandioca), e de vez em quando vinha aquela luzinha e entrava no engenho dele. Ele corria em cima, [...] dizia que aquilo era uma riqueza, que era dinheiro enterrado. [...] Uma vez, (ele) foi no Morro dos Conventos com um cara que sonhou, e ele chegou lá, e as pedras, estavam no sonho, tudo direitinho. Dizia no sonho: “aquilo ali é pro resto da vida, a fortuna de ouro ali dentro”. E eles foram com umas barras de ferro, e foram duas noites seguidas e não conseguiram... Depois de um mês, mais ou menos, eles foram lá e tinham explodido. Não se sabe se tiraram (o ouro) ou não, deram dinamite e estouraram, ali no Morro dos Conventos (PEDROSO, 2015, [n.p.]).

Com base nos relatos analisados, elenca-se que os seres fantásticos que compõem o imaginário local araranguense ao mesmo tempo em que ameaçam a existência dos que trafegam pelo rio também apresenta a possibilidade de fortuna e eterno conforto. Cabe destacar, que o objetivo deste estudo não reside na busca pela comprovação da veracidade destes acontecimentos misteriosos, mas sim, como salienta o historiador Edward P. Thompson, compreendê-los em seu contexto. Pois, “todo significado é um significado dentro de um contexto e, enquanto as estruturas mudam, velhas formas podem expressar funções novas, e funções velhas podem achar sua expressão em novas formas” (THOMPSON, 2001. p. 243). Neste sentido, pensar o fantástico em sua abrangência e multiplicidade, envolve a compreensão de que estes seres denotam para um campo da experiência humana no tempo e espaço. Ao problematizar aquilo que transpõe as fronteiras da razão, cabíveis de experimentação e comprovação, objetiva-se o estudo do que condiz a elementos simbólicos, particular a cada

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sociedade, nos vários níveis de produção de signos, condutas e normas (principalmente com o rio Araranguá e a natureza de modo geral) a que esta infere.

Mas então, podemos afirmar que os seres fantásticos presentes no imaginário local araranguense possuem uma função de delimitadores de normas? De práticas e significados? O especialista em estudos literários, Julio Jeha, salienta dois aspectos ambivalentes concernentes a interpretação do fantástico. Primeiro: o fantástico possui uma função de coesão social. Quando eventos inexplicáveis ocorrem de modo a transpor os valores solidificados em uma determinada comunidade, esta cria “monstros”, como mecanismo de explicação e entendimento do meio existente. Segundo: o sujeito, ao questionar os valores ético-morais hegemônicos do meio em que vive, implicando na ampliação da ideia do que é real e verdadeiro, acaba por suscitar alterações na forma como se percebe e vivencia a realidade. “Quando isto ocorre, sentimos que nossas expectativas de ordem – as fronteiras – estabelecidas pela ciência, filosofia, moral ou estética foram transgredidas. E transgressões geram monstros” (JEHA, 2009. p. 20). Logo, destaca-se uma dupla característica do fantástico. Tanto como princípio de dar sentido há uma experiência comum para determinados grupos e também representativa de mudanças em valores culturais historicamente construídos.

**“Hoje não aparece mais nada, eu acho que as aparências ficaram com medo do povo!”:**

## **Contexto Histórico e Impactos Ambientais**

Em paralelo as experiências com apelo fantástico descritas, o município de Araranguá passava por uma série de transformações de ordem social, econômica e ambiental, durante a primeira metade do século XX. Era imensa a dificuldade de manter uma coesão administrativa com o seu vasto território, que, originalmente, até os anos de 1920, estendia-se entre Laguna (SC) e Torres (RS). De acordo com o Superintendente Municipal, João Fernandes, em relato prestado ao Conselho Municipal de Araranguá no ano de 1923, os objetivos centrais para os próximos anos era o investimento em obras públicas, principalmente, a abertura de estradas, iluminação pública e educação primária (HOBOLD, 2003, p. 186-196). No entanto, o grande entrave era o financiamento para tal empreendimento, a arrecadação do município por meio de impostos era insuficiente e faltava articulação com o Governo Estadual para pleitear a ajuda de recursos. As problemáticas se acentuam com a instabilidade de saída da barra do rio Araranguá, afetando a exportação dos itens agrícolas produzidos na região (milho, feijão, banha, farinha de mandioca, açúcar e aguardente).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em tempo passado, o rio Araranguá, em vista de boa profundidade e largura dotadas pela natureza, proporcionou um excelente sistema hidroviário para apreciável frota de barcos veleiros e a vapor, o que por sua vez permitia o escoamento dos produtos da região e o intercâmbio comercial. [...] Apenas na década de 1920 interrompeu-se o tráfego fluvial-marítimo, sendo vendidos os iates e os vapores, que não regressariam mais. [...] O movimento de barcos, sobretudo nos últimos 25 anos do século XIX e no início do século XX, foi de tanta intensidade que, segundo um quadro estatístico, constatou-se no espaço de 17 meses, 78 entradas e equivalentes saídas de barcos (HOBOLD, 2003, p. 163).

Apesar da problemática em torno da falta de estradas para manter comunicação com o território do vasto município e as dificuldades para escoar a produção econômica composta por itens agrícolas. Entre as décadas de 1920 e 1930 os debates em torno das problemáticas condições de passagem da barra do rio Araranguá diminuem em função de uma nova possibilidade de transporte apresentar-se ao município com a inauguração da *Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina*. De acordo com Hobold, “no dia 13 de fevereiro de 1924, pelas 6 horas da manhã, ressoou pela primeira vez, o apito distante de uma locomotiva” (HOBOLD, 2003, P. 167), que tem na exploração das jazidas de carvão localizadas na parte norte da bacia do Araranguá, no distrito de Criciúma, o maior interesse de sua construção. Como a barra do rio Araranguá “não oferecia segurança de navegabilidade, esse ramal férreo conjunto com os portos de Laguna e Imbituba, foi de suma utilidade, possibilitando por aproximadamente 40 anos um transporte seguro e eficiente” (HOBOLD, 2003, p. 170).

A produção carbonífera irá alterar de maneira significativa as relações sociais, econômicas e ambientais no extremo sul catarinense, no período estudado. De acordo com o geógrafo Vilmar Comassetto, a descoberta de jazidas de carvão na região remonta as primeiras décadas do século XIX, mas a condição para a sua exploração ocorre nas primeiras décadas do século XX, precisamente, impulsionada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O conflito dificultou a importação de carvão estrangeiro forçando o Governo Brasileiro a explorar as jazidas nacionais. Se até 1914, de maneira geral, a população que habitava o município de Araranguá compunha-se, de um lado, por imigrantes açorianos que desempenhavam a pesca e a agricultura de subsistência, e do outro, imigrantes italianos e alemães ligados a agricultura e comércio de exportação. Nos anos de 1920, “com a dinamização da atividade carbonífera a região de Criciúma veria surgir a transformação da figura do colono e do pescador em mineiros, com a consequente emergência de trabalhadores assalariados” (COMASSETTO, 2008, p. 135).

A expansão da indústria carbonífera na década de 1920 gerou uma diferenciação no município de Araranguá entre a parte sul predominantemente agrícola, e a parte norte

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

impulsionada economicamente pela extração do chamado “ouro” negro. De modo, que no ano de 1925, “Criciúma, enquanto distrito de Araranguá, logo despontou com sua própria capacidade econômica e alguns anos depois iniciou um processo político que deflagrou a sua emancipação de Araranguá” (HOBOLD, 2003, p. 214).

No entanto, a indústria carbonífera passou por momentos de aquecimento e desaceleração no período em estudo. Devido à quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque no ano de 1929, a desvalorização da moeda brasileira e os efeitos negativos acarretados para a exportação de café. A década de 1930 registrou uma série de medidas governamentais, de âmbito federal, para proteger o setor carbonífero, “obrigando o consumo do carvão nacional de 10% a 20%, respectivamente, em 1931 e 1937” (COMASSETTO, 2008, p. 134).

Sobre este aspecto, o historiador Carlos Renato Carola, ao analisar os processos de modernização, cultura e ideologia do carvão na região de Criciúma entre 1930 e 1970. Ressalta a construção histórica de dois tradicionais discursos sobre a indústria carbonífera atrelado aos períodos de aquecimento e desaceleração deste setor econômico. O primeiro condiz aos bons momentos, ao discurso do progresso. “Era usado para justificar a necessidade de “soberania nacional”, uma vez que o carvão ainda gozava de prestígio como fonte energética estratégica; e para exacerbar o desenvolvimento econômico da região produtora e, conseqüentemente, o desenvolvimento do País” (CAROLA, 2004, p. 30). O segundo, associado aos períodos de crise, “era acionado principalmente para acusar o descaso das autoridades governamentais em relação à inexistência de uma política nacional estável e sólida de incentivo à produção e ao consumo do carvão brasileiro” (CAROLA, 2004, p. 30).

No transcorrer das décadas de 1930 e 1940, a diferença com relação ao crescimento econômico entre os municípios de Araranguá e Criciúma aumenta, e, com ela, setores sociais (principalmente a imprensa) cobram das autoridades municipais estratégias econômicas voltadas para a construção de uma via industrial a ser implementada em Araranguá. De modo, a anexar uma vertente complementar a agricultura. Neste quesito, destaca-se a matéria de capa do Jornal de circulação local *Campinas* no ano de 1936, intitulado: Indústria e Lavoura.

Dispomos de excelentes matérias-primas para o desenvolvimento de nossa indústria, entretanto Araranguá é um dos municípios do Estado onde menos se exercem os trabalhos manuais, onde quase não se executam as operações necessárias para a transformação dessas matérias-primas. Mesmo a indústria agrícola está muito descurada entre nós. Todos os municípios formados dos elementos alemães e italianos são os principais centros industriais do Brasil. Em nosso Estado destacam-se Joinville,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Blumenau, Brusque [...] e outros onde predominam as raças a que nos referimos, e por isso são os mais prósperos. [...] Sem indústria e lavoura não há país com vida própria e que possa se encaminhar desassombadamente pela estrada larga que conduz ao templo da prosperidade e da felicidade (INDUSTRIA, 1936, CAPA).

Como salienta a historiadora Tania Regina de Luca, ao refletir sobre a utilização de periódicos na pesquisa histórica. Objetiva-se não cair em vertentes reducionistas como “o uso instrumental e ingênuo destes, como meros receptáculos de informações a serem selecionados, extraídos e utilizados ao bel prazer do pesquisador” (LUCA, 2008, p. 116). Ou encará-los com extremo ceticismo “uma vez que tomavam a imprensa como instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2008, p. 116). Propõe-se, contextualizar e articular os periódicos ao lugar social da produção de seus discursos.

De acordo com a reportagem intitulada Indústria e Lavoura, publicada no periódico *Campinas*, o município de Araranguá teria toda a capacidade de recursos naturais disponíveis para a implementação de um plano industrial e agrícola propulsor de crescimento econômico. O que falta para o despontar do município seria vontade política, sobretudo, do Governo Estadual. As cidades mencionadas referentes ao norte de Santa Catarina ascenderam economicamente, pois, além, do suposto fator étnico e dos recursos naturais em abundância, registraram investimentos do Governo Estadual em infraestrutura destinada a escoar a produção econômica desta região. Diferentemente, de Araranguá (e da região sul catarinense) permanentemente esquecida (mesmo após a construção da *Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina*). Este discurso está presente em todos os periódicos com circulação regional no sul catarinense, e mostrou-se recorrente como meio de pleitear recursos econômicos durante a primeira metade do século XX.

Com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) novamente coloca-se a problemática em torno da importação do carvão estrangeiro, e como meio de solução, mais uma vez, recorre-se ao carvão nacional. Além de medidas protecionistas do Governo Vargas (1930-1945) e da inauguração da *Companhia Siderúrgica Nacional* (CSN) em Volta Redonda (RJ) no ano de 1941. Comassetto destaca “os investimentos estatais diretos por parte do Governo Federal nos melhoramentos no Porto de Laguna, na construção pela CSN de um lavador de carvão em Tubarão e da *Usina Termoelétrica de Capivari* (UTE)” (COMASSETTO, 2008,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

P. 135). Inclusive, em alguns anos, como em 1945, “encampando toda a produção de carvão bruto no total de 815.678 toneladas” (COMASSETTO, 2008, p. 135).

Ao mesmo tempo em que o município de Araranguá não conseguiu inserir-se na onda de crescimento econômico impulsionado pelo aquecimento da produção carbonífera, sobretudo, na década de 1940, sofreu os impactos ambientais gerados por esta. Embora nos periódicos de circulação regional pesquisados, entre eles, *O Albor* (Laguna), *A Imprensa* (Tubarão), *A Razão* (Tubarão), *Vanguarda* (Araranguá) e *Campinas* (Araranguá) não há menções as problemáticas ambientais. (Cabe destacar, que os periódicos citados viam na exploração de carvão a chave para a ascensão econômica da região sul catarinense, inclusive, reivindicando maiores investimentos frente ao Governo do Estado na infraestrutura destinada a escoar a produção de carvão). É nos relatos dos pescadores que percebe-se os efeitos nocivos do despejo dos dejetos poluentes de carvão. Como efeito cascata, os metais poluentes despejados no rio Criciúma, chegavam ao rio Sangão, depois no (afluente do rio Araranguá) o rio Mãe Luzia e por fim no rio Araranguá.

Acerca da percepção dos impactos ambientais causados pela mineração de carvão no rio Araranguá entre as décadas de 1930 e 1940, o senhor Antônio Teófilo, em entrevista concedida ao Pe. Dall’Alba no ano de 1985 (o entrevistado estava então com 65 anos de idade) ressalta sobre como a biodiversidade do rio foi afetada. O ofício da pesca que era marcado pela fartura, seja na pesca com tarrafas ou espinhel, registrando a soma de 100, 200 até 300 kg de pescado. Passa a abarcar um outro componente, o do impacto visual do grande número de peixes mortos devido a entrada de água com resíduos de metais pesados no rio Araranguá.

Quando o rio não estava poluído o peixe se criava e crescia no rio mesmo. Só com quilo e meio ou mais é que ia para o mar. A vinda da poluição foi rápida. Num verão de seca havia muito peixe nas cabeceiras, bagres e tainhas, lá acima da Sanga do Marco. Aí deu uma trovoada e com a água veio a pirita. Houve uma mortandade de peixe muito grande. Esteve até avião fotografando. Foi entre 1935-1940. Desde então está ali a água poluída, sem peixes e ainda prejudicando a água das lavouras. Por sua vez a lavoura também prejudica e polui ainda mais com os inseticidas e herbicidas (DALL’ALBA, 1997, p. 226).

O senhor Antônio Teófilo destaca que, inclusive, os botos que entravam no rio auxiliando os pescadores na escolha dos melhores cardumes para tarrapear fugiam da água poluída que chegava ao rio Araranguá através do rio Mãe Luzia. “Quando tem água de carvão o boto já não entra. Havia quatro botos entrando ali. Mas são só dois que param ali mesmo, o

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

boto “tanso” e outro que se chamava “a jato”” (DALL’ALBA, 1997, p. 226). Importante destacar a menção a poluição causada pelo uso de agrotóxicos na agricultura (especialmente a de rizicultura irrigada). A década de 1980 em Araranguá registra a ascensão dos debates em torno do estado de degradação ambiental presente no município, principalmente, o do rio que registrava um alto índice de acidez. Tanto que na década referenciada a micro-bacia do Mãe Luzia (pertencente a bacia do rio Araranguá) foi diagnosticada em Decreto Federal a mais poluída do Brasil em função da mineração de carvão.<sup>4</sup> Provavelmente, os intensos debates promovidos pelos meios de comunicação e a atuação da ONG (Sócios da Natureza) na região influenciaram as lembranças de Teófilo sobre o estado de degradação ambiental presente no rio Araranguá.

Em narrativa semelhante a acima descrita o senhor Ernesto José Julio pontua que a onda de mortes de peixes provocada pela água de mina era periódica, geralmente, ocorria entre dezembro e janeiro. Tanto que, entre os pescadores, o período era conhecido como a “crise de janeiro”.

Aquilo quando vinha... Sempre a água de mina sempre vinha era mais no verão, né. Quando dava aquelas trovoadas, aquelas coisas. E era aí, tocava o rio, enchia o rio, vinha água de mina lá. Se fosse o mês de dezembro aí, janeiro, ah, tirava o peixe todo que tinha do rio pra lá pra cá assim, tudo pro mar. Aí dava a crise de peixe aqui. Janeiro de dezembro, janeiro, o peixe saía e custava a voltar, porque a água de mina vinha contaminava tudo, né. Pra melhorar a água levava uns 15, 20 dias. É, não adiantava pescar, só no mar. Até o povo dizia assim, “olha a crise de janeiro!”. Porque se desse uma em janeiro, só o que defendia aqui era os mariscos, que tinha muito, né. Aí a gente avançava nos mariscos (JULIO, 2015, [n.p.]).

Importante destacar, que os impactos ambientais causados pelo despejo de água de mina no rio Araranguá não eram sentidos apenas pelos pescadores da comunidade ribeirinha de Ilhas. Durante toda a primeira metade do século XX a pesca era praticada no município por todas as camadas da população e não apenas como um ato de lazer, mas como importante complemento alimentar.

A percepção em torno da diminuição de espécies e da quantidade de pescados presentes no rio alarmou inclusive as autoridades municipais na década de 1940. Em correspondência de

---

<sup>4</sup> Decreto Federal Nº 85.206/1980. In: SANTOS, Juliana Vamerlati. **Um olhar sócio-ambiental da história: a trajetória do movimento ambientalista e seus conflitos com a atividade carbonífera no sul de Santa Catarina (1980-2008)**. Florianópolis, SC, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2008.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

governo datada de 22 de fevereiro de 1945, o então, prefeito de Araranguá, Rui Stockler de Souza, evidencia preocupação com o estado de poluição do rio Araranguá.

No município vão decrescendo, assustadoramente os cardumes e isto porque as águas do “Mãe Luzia”, utilizadas na lavagem do carvão no Vizinho Município de Criciúma estão envenenando, lenta, mas gradativamente, as do rio Araranguá, tornando nelas quase que, senão totalmente impossível qualquer manifestação de vida. Seria racional e conveniente que quem de direito torna-se obrigatória as medidas que o caso requer (SOUZA, 1945, p. 1).

A presente carta foi endereçada ao Departamento de Estatísticas do Estado de Santa Catarina, localizado em Florianópolis. O objetivo era reunir as potencialidades de cada região do Estado como forma de atração turística. Após uma breve introdução acerca da beleza e piscosidade das águas do rio Araranguá composta pelas mais variadas espécies de peixes, Stockler, faz questão de mencionar a problemática em torno do efeito causado pela água de mina. Apesar do tom de alarme não fica claro sobre que medidas deveriam ser empreendidas e a que esfera (municipal ou estadual) o caso remeteria.

Contraditoriamente, o município de Araranguá não conseguiu elencar uma alternativa industrial capaz de transpor a produção agrícola e viu o seu antigo distrito (Criciúma) emancipar-se e despontar como o principal centro econômico do extremo sul catarinense. No entanto, se o lucro gerado pela indústria carbonífera concentrou-se nas mãos de algumas classes político-econômicas no município de Criciúma, os impactos ambientais foram socializados para todo o extremo sul catarinense, inclusive, para o município de Araranguá, que sentiu o índice de acidez do rio Araranguá subir vertiginosamente, além da diminuição de espécies de peixes.

## Considerações Finais

Objetivou-se neste estudo não traçar uma linha evolutiva, em que, como numa linguagem cinematográfica, ficaria claro a diminuição das aparições dos seres fantásticos (especialmente, o Caracaxá) em função da ascensão do crescimento econômico no extremo sul catarinense impulsionado pela indústria carbonífera. Sobretudo a partir da década de 1940.

Tendo como base as reflexões do historiador alemão, Reinhart Koselleck, procurou-se evidenciar os diferentes estratos do tempo presentes na interação entre a localidade ribeirinha de Ilhas com o rio Araranguá, articulada as novas dinâmicas econômicas que permearam o litoral do extremo sul catarinense. Logo, compreender as diferentes velocidades, percepções e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

significados atribuídos a maneira de experienciar o tempo, por meio do estudo das interações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza/rio.

Neste sentido, relevando as singularidades (KOSELLECK, 2014, p. 19), os novos começos, as rupturas delineadas no tempo/espço. Pode-se destacar aqui, a formação do complexo industrial carbonífero na primeira metade do século XX, que, entre desacelerações e acelerações, acarretou no crescimento econômico e no despontar de Criciúma como município polo, referência no extremo sul catarinense, mas, também, ocasionando pesados impactos ambientais. Inclusive em regiões onde não se teve registro de mineração de carvão, como no município de Araranguá, em que, a poluição no rio de nome homônimo despertou o alarde de pescadores e autoridades municipais.

Segundo, Koselleck pondera que as singularidades denotam para uma parte da complexidade que evoca a compreensão do tempo histórico. Pois nele, também há, as suas estruturas de repetição (KOSELLECK, 2014, p. 21). Aqui podemos destacar a estrutura agrária presente no município de Araranguá em toda a primeira metade do século XX. Apesar das críticas efetuadas pelos meios de comunicação e dos esforços por mediar a busca por recursos advindos de esfera Estadual. O município mantém-se sem alternativas e planos de industrialização, e, com isso, fica sem o crescimento econômico delineado no município vizinho de Criciúma, embora receba os pesados impactos ambientais através das águas do rio Mãe Luzia afluindo no rio Araranguá os dejetos piritosos da mineração de carvão. Cabe salientar, que essas estruturas de repetição não são imutáveis, transformando-se na média e longa duração

E, por fim, destaca-se o terceiro estrato, que seria as permanências (KOSELLECK, 2014, p. 24), as reminiscências do passado perceptíveis no tempo presente. Neste caso, as aparições dos seres fantásticos no rio Araranguá. Mesmo que os efeitos nocivos, sob o ponto de vista ambiental, da mineração de carvão, tenha causado profundas transformações nas relações sociais e econômicas no extremo sul catarinense. Os acontecimentos fantásticos alteraram-se mas continuaram presentes em todo período de estudo registrado.

**Fontes:**

**Jornais:**

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

INDÚSTRIA e Lavoura. **Campinas**. Araranguá, 05 de abril de 1936. (Arquivo Histórico Municipal de Araranguá).

MUNICÍPIOS do Sul do Estado. **O Cruzeiro**. Tubarão, 15 de maio de 1933. (Biblioteca Municipal de Florianópolis).

O SUL Esquecido! Até Quando? **A Cidade**. Laguna, 05 de maio de 1929. (Biblioteca Municipal de Florianópolis).

VERDADES Verdadeiras... **O Albor**. Laguna, 22 de novembro de 1931. (Biblioteca Municipal de Florianópolis).

## **Documentos:**

SOUZA, Rui Stockler de. (Correspondência da Prefeitura Municipal de Araranguá). 22/02/1945, Araranguá. [Para] Diretor do Departamento de Estatísticas (nome não informado). Florianópolis. 1f. Informações relacionadas a pesca no município de Araranguá. In: Correspondências de Governo do Município de Araranguá 1900-1950 (Arquivo Histórico Municipal de Araranguá).

## **Entrevistas:**

Ernesto José Julio, 82 anos, entrevista realizada no dia 11/06/2015.

Palmede Antônio Pedroso, 75 anos, entrevista realizada no dia 10/06/2015.

## **Entrevistas Realizadas Pelo Pe. João Leonir Dalla'iba:**

Antônio Teófilo, 65 anos de idade, entrevista realizada no ano de 1985.

Valvi Vieira, entrevista realizada no ano de 1986.

## **Referências Bibliográficas:**

CAROLA, Carlos Renato. Modernização, Cultura e Ideologia do Carvão em Santa Catarina. In: \_\_\_\_\_ GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade futura, 2004. P. 5-32.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Global, 2002.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

COMASSETTO, Vilmar. **Água, meio ambiente e desenvolvimento na bacia do Araranguá (SC)**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 339. 2008.

DALL'ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá**. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. p. 517.

DE SOUZA, Gabriel Cruz. **Dos Guarani aos Brasilíndios: permanências e discontinuidades no Distrito de Hercílio Luz, séc. (XVIII-XXI)**, Araranguá, Santa Catarina. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, p. 49. 2009.

HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá: complementada por Alexandre Rocha**. Araranguá: [s.e], 2005. 311p.

JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei, Nascimento (Orgs.) **Da Fabricação dos Monstros**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2014.

LUCA, Tania R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: \_\_\_\_\_ PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. P. 111-154.

ROCHA, Micheline de Matos (org.). **Do Pino do Meio-Dia a Meia Noite Velha**. Alguns causos dos pescadores de Ilhas. Araranguá: [s.n], 2007.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. São Paulo: Editora Unicamp, 2001, p. 286.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 385 p.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 4, n. 8, p. 198-215. 1991.